

## ACHEGAS PARA O ESTUDO DA POPULAÇÃO DA ILHA DE SÃO JORGE, 1768-2012

PAULO TEODORO DE MATOS\*

O presente texto insere-se numa linha de investigação mais ampla subordinada à evolução da população açoriana nos séculos XVIII e XIX e suas dinâmicas demográficas. Os objetivos centrais de tal pesquisa têm radicado essencialmente na quantificação e estudo crítico da evolução volumétrica dos efectivos ao nível de cada ilha, estruturas etárias e seus comportamentos (natalidade, mortalidade e migrações). A informação primária que tem suportado essa investigação compõe-se fundamentalmente dos “mapas estatísticos da população” (1766-1900) em cumprimento de ordens régias e, posteriormente, dos recenseamentos da população (1864-2011).

No quadro desta pesquisa mais vasta, orientada para o arquipélago como um todo, tem merecido especial atenção a demografia da ilha de S. Jorge. É, assim, que este texto beneficia do estudo anterior das estruturas demográficas da ilha de S. Jorge entre 1790 e 1830 e, posteriormente, do próprio resultado da pesquisa acerca da ilegitimidade durante o século XIX<sup>1</sup>. Mais recentemente uma síntese sobre a evolução demográfica insular para o período de 1835-1900

---

\* CHAM, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Universidade dos Açores. Doutorado contratado ao abrigo do programa de financiamento Investigador FCT 2013.

1 Paulo MATOS, “A população da ilha de S. Jorge na última década de Setecentos: estrutura e comportamentos” in *O Faial e a Periferia Açoriana nos Sécs. XV a XX, Actas do Colóquio realizado nas ilhas do Faial e S. Jorge de 12 a 15 de Maio de 1997*, Horta, Núcleo Cultural, 1998, pp. 551-578; Idem, “Gentes da ilha de São Jorge nos anos de 1825-1826” in *Arquipélago. Ciências Sociais, Revista da Universidade dos Açores*, 9-10, Ponta Delgada, 1996, pp. 177-216; Idem, *O Nascimento fora do matrimónio na freguesia da Ribeira Seca da ilha de São Jorge (Açores), 1800-1910*, Guimarães, NEPS, 2007.

permitiu, também, reunir um conjunto apreciável de informação para a ilha<sup>2</sup>.

No contexto da população açoriana, dispersa por nove unidades territoriais com dimensões muito variadas, impõe-se uma análise diferenciada para cada uma delas. Com efeito, quando tomado o arquipélago como um todo sobressaem as disparidades extremas ao nível do efectivo demográfico, maioritariamente concentrado nas ilhas de S. Miguel e Terceira. Este facto faz, naturalmente, menosprezar a caracterização das gentes sob o ponto de vista quantitativo das restantes ilhas, periféricas, menos integradas em circuitos comerciais de longa distância e com um modesto *stock* populacional.

Sob o ponto de vista demográfico a ilha de São Jorge constitui um interessante objecto de análise. Além de se apresentar como um território perfeitamente delimitado e com escassas alterações ao nível da geografia administrativa está disponível um *corpus* documental muito rico para a análise das suas estruturas e dinâmicas demográficas passadas e presentes. Com efeito, desde 1768 até à actualidade, é possível reconstituir com algum rigor a sua evolução populacional, configuração sexual e etária e, até, entrever o complexo processo da *transição demográfica*.

Em termos esquemáticos os informes populacionais disponíveis quer para São Jorge, quer para o arquipélago agregam-se em torno de quatro séries essenciais. Durante o período da Capitania-geral dos Açores (1766-1832) foram produzidos diversos “mapas estatísticos da população” em cumprimento de ordens régias. Estes documentos encontram-se maioritariamente depositados no Arquivo Histórico Ultramarino e Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Angra do Heroísmo, muitos destes já estudados por Artur Madeira<sup>3</sup>. De 1835 a sensivelmente 1900, período do Estado Liberal, contam-se as diversas tabelas estatísticas executadas ao nível de cada distrito administrativo, disponíveis nos respectivos fundos do Governo Civil e através de cópias enviadas para o *Ministério do Reino* (ANTT). Finalmente, desde 1864 com a realização do primeiro censo moderno da população, existem os diversos *recenseamentos da população*, enquanto as *estatísticas demográficas* se encontram publicadas a partir de 1886. Este período, dito da estatística moderna, tem sido especialmente estudado por Gilberta Rocha<sup>4</sup>.

Através deste artigo pretende-se oferecer uma perspectiva muito sumária, necessariamente descritiva e não tanto interpretativa, dos grandes vectores da de-

---

2 Paulo MATOS e Susana Serpa SILVA “Oscilações populacionais, grupos e comportamentos sociais”, in *História dos Açores. Do Descobrimento ao século XIX*, II, dir. de Artur Teodoro de Matos, Avelino de Freitas de Meneses e José Guilherme Reis Leite, Angra do Heroísmo, Instituto Açoriano de Cultura, 2008, pp. 83-120.

3 Artur MADEIRA, *População e Emigração nos Açores (1766-1820)*, Cascais, Patrimonia, 1999.

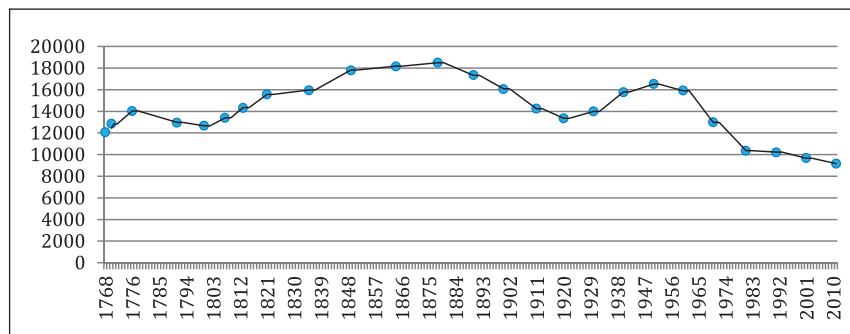
4 Em particular a obra de referência, *Dinâmica populacional dos Açores no século XX. Unidade, permanência, diversidade*, Ponta Delgada, Universidade dos Açores, 1991.

mografia da ilha de São Jorge ao longo de cerca de dois séculos e meio. Por esta razão o presente texto assume-se como um contributo para a elaboração de uma futura monografia demográfica da ilha de São Jorge. Numa primeira fase será prestada particular atenção à evolução dos quantitativos de forma enquadrada com o arquipélago, bem assim como das suas estruturas etárias. Numa fase posterior será estuda a evolução secular da natalidade e mortalidade procurando-se evidenciar o processo de *transição demográfica* na ilha e seu impacto nos ritmos de crescimento e estruturas etárias.

### 1. O volume de efectivos

Ao longo do período observado o quantitativo de habitantes jorgenses registou significativas flutuações apresentando, contudo, ritmos evolutivos enquadrados no conjunto arquipelágico. Ressalta em primeiro lugar o carácter cíclico e hesitante desse crescimento e, em perspectiva global, a sua clara tendência de decréscimo. Assim, com cerca de 12.000 efectivos em 1768 regista-se um máximo de 18.484 habitantes em 1878 para se quedar em apenas 9.171 em 2011. A estes valores correspondem variações percentuais de 52.5% para 1768-1875 e de -50.4% para 1878-2011.

**Gráfico 1 – Evolução dos habitantes da ilha de São Jorge, 1768-2011<sup>5</sup>**



Em termos esquemáticos a evolução da população jorgense poderá ser enquadrada em cinco períodos principais. Numa primeira fase, correspondendo à segunda metade do século XVIII, ocorre um incremento muito moderado da população havendo, no entanto, a destacar a perda demográfica nas décadas de 1770 e 1780. De facto, à semelhança do ocorrido em várias ilhas do grupo central, a ilha parece

<sup>5</sup> As fontes compulsadas quer para a realização deste gráfico, quer para os indicadores demográficos deste artigo encontram-se enumeradas no final.

ter sofrido diversas crises frumentárias dilatando os níveis de mortalidade<sup>6</sup>. Durante este período regista-se globalmente uma tendência evolutiva muito semelhante à do arquipélago pautada por uma estagnação no crescimento demográfico.

A fase de maior dilatação do *stock* demográfico jorgense compreende-se de 1800 a 1878 durante o qual a população é acrescida em quase 6 mil habitantes. Durante este longo período a expansão das gentes parece ter sido mais intensa até à década de 1820, crescendo a um ritmo suave até 1835 e posteriormente de modo mais intenso em 1878, quando se atinge o maior número de habitantes residente. Correndo-se o risco de alguma generalização excessiva este contínuo crescimento está associado à incorporação na ilha do largo excedente entre nascimentos e óbitos, num território pautado pela suavidade da mortalidade. São Jorge regista, assim, uma forte pressão demográfica que de, resto, ainda é mais intensa no conjunto do arquipélago.

**Quadro 1 – Taxas de crescimento anual na ilha de São Jorge e arquipélago, 1768-2011**

Período	São Jorge	Açores
1768-1800	0.14	0.06
1800-1878	0.49	0.66
1878-1920	-0.77	-0.27
1920-1960	0.43	0.87
1960-1981	-2.02	-1.40
1981-2011	-0.61	0.07

Entre 1878 e 1920 assiste-se ao período de maior retracção do quantitativo de efectivos, marcado por uma taxa de crescimento anual negativa de 0.77%, quase o triplo da dos Açores (-0.27%). Se a ilha não deixa de manifestar os efeitos das graves crises agrícolas que assolaram o arquipélago em finais do século XIX<sup>7</sup>, a principal razão para o decréscimo radica na fortíssima expressão da emi-

6 Cf. Avelino Freitas de MENESES, *Os Açores nas Encruzilhadas de Setecentos (1740-1770)*, Ponta Delgada, Universidade dos Açores, II, 1995, p. 143; Maria Norberta AMORIM e Maria Hermínia MESQUITA, “Uma perspectiva da população açoriana no século XVIII”, *O Faial e a Periferia Açoriana nos séculos XV a XIX*, Horta, 1988, Núcleo Cultural da Horta, pp. 372-373; Paulo MATOS e Paulo Silveira e SOUSA, “População e movimentos migratórios. A atracção pelo Brasil”, in *História dos Açores. Do Descobrimento ao século XIX*, I, dir. de Artur Teodoro de Matos, Avelino de Freitas de Menezes e José Guilherme Reis Leite, Angra do Heroísmo, Instituto Açoriano de Cultura, 2008, pp. 555.

7 Maria Isabel JOÃO, *Os Açores no século XIX. Economia, sociedade e movimentos autonomistas*, Lisboa, Ed. Cosmos, 1991, p.

gração. Sensivelmente desde a década de 1860 o fluxo migratório intensifica-se, destinando-se cada vez mais para os Estados Unidos da América. Por outro lado ao virar da centúria o perfil dessas saídas altera-se com a redução dos emigrantes indocumentados e pela saída muito significativa de mulheres<sup>8</sup>. Como factor secundário há a assinalar a redução da fecundidade no último quartel do século e o próprio aumento conjuntural da mortalidade de 1900 a 1920, fazendo regredir o crescimento natural da população.

De 1920 a 1960 invertera-se a tendência de declínio das populações jorgenses e açorianas. Este período de expansão das gentes é, entretanto, bastante mais suave na ilha, registando uma TCA de 0.43%, exactamente metade da do arquipélago. O intenso aumento está associado a um crescimento natural muito expressivo decorrente, quer de uma substancial baixa da mortalidade geral desde a década de 1920, quer do incremento da natalidade.

Um derradeiro período da evolução volumétrica dos habitantes poderá situar-se entre 1960 e a actualidade, marcado por um declínio constante e explicado quer pela emigração quer pela queda acentuada de fecundidade<sup>9</sup>. Todavia esboçam-se dois sub-períodos claros. O primeiro, de 1960 a 1981, caracteriza-se por uma redução intensa, cifrada por uma TCA de -2.02% enquanto o segundo, de 1981 a 2011, se pauta por um ritmo de decréscimo mais suave (TCA de 0.61%). Mais uma vez sobressai a diferença face aos ritmos verificados no arquipélago. No primeiro sub-período delineado a TCA açoriana fixava-se em -1.4, enquanto de 1981 a 2011 se invertera o movimento de decréscimo (TCA de 0.07%).

A ilha de São Jorge regista, pois, um declínio populacional acentuado desde a década de 1960 resultante da fraca capacidade de fixação de gentes. No entanto tomando em consideração a evolução do arquipélago a partir de 1981 inverte-se o ritmo de crescimento de S. Jorge. Isto significa que a ilha está em contra-ciclo com a evolução global como, de resto, a maioria das ilhas ditas periféricas em consequência da bipolarização demográfica em torno de S. Miguel e Terceira desde inícios do século XX. Esta realidade é claramente visível na importância relativa de S. Jorge: se em 1900 representava 6.3% do arquipélago não atingia mais do que 4% em 2011.

---

8 Para um conhecimento mais aprofundado da emigração da ilha neste período consulte-se Paulo Silveira e SOUSA, *Território, Poder, Propriedade, Elites Locais. A Ilha de São Jorge na segunda metade do século XIX*, Lisboa, ISCTE, 1994 (dissertação de licenciatura policopiada); Paulo MATOS, *O Nascimento fora do matrimónio [...]*, pp. 239-264 e Avelino Freitas de MENSESES, *A Ilha de São Jorge. Síntese histórica*, Ponta Delgada, Letras Lavadas, 2013, pp. 146-152.

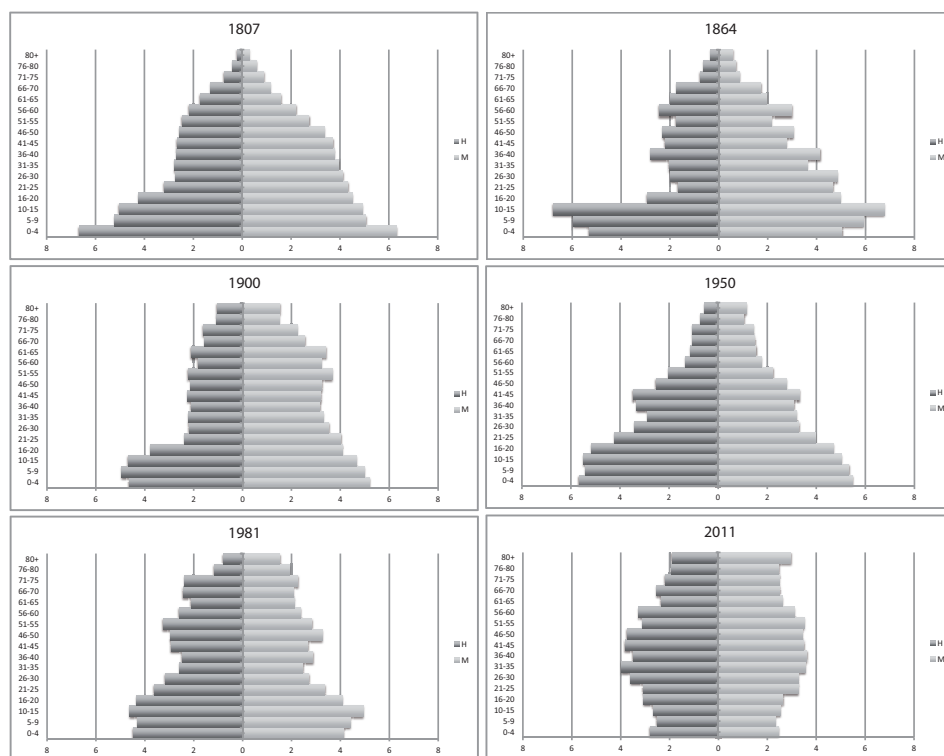
9 Gilberta Rocha estima que a taxa bruta de emigração da ilha se saldou em 21.3 e 25,8‰ nas décadas de 1960 e 1970, respectivamente, os valores mais elevados do século XX. Cf. Gilberta Rocha, *Dinâmicas [...]*, p. 234.

## 2. As estruturas etárias e os grupos funcionais

### As estruturas etárias

Da análise das pirâmides etárias da ilha em 6 secções temporais resultam distintas fases na repartição sexual e etária dos efectivos. Até 1950 está patente uma base relativamente alargada, traduzindo o carácter jovem da população. A partir de 1981 esboça-se um claro envelhecimento na base e no topo da pirâmide que adquire proporções muito significativas em 2011.

**Gráfico 2 – Pirâmides etárias da ilha de São Jorge em 1807, 1864, 1900, 1950, 1981 e 2011**



Na observação das três pirâmides etárias (1807, 1864 e 1900) destacam-se essencialmente duas realidades. Por um lado a diminuição dos jovens e o aumento dos idosos, especialmente de 1864 a 1900. Por outro, o acentuar da saída de gentes, cujos efeitos se expressam na redução dos efectivos em idade laboral. A comparação dos três gráficos permite identificar tanto a intensidade da mobilidade como a maior incidência junto do sexo masculino. Neste contexto, em 1864, sobressai a crónica falta de efectivos masculinos em idade laboral em grande par-

te consequência de uma emigração indocumentada. No final do século o impacto destas correntes está bem expresso na pirâmide, embora ressalte um menor desequilíbrio entre os sexos. Esta configuração espelha, como já referido, a alteração do perfil das saídas, onde avulta a emigração de tipo familiar<sup>10</sup>.

De 1950 à actualidade a sociedade jorgense registou uma substancial redução no número de jovens e, inversamente, o aumento dos idosos. Esta é bem clara na pirâmide de 1981, onde são evidentes os sinais do processo de envelhecimento demográfico. Esta realidade é patente na pirâmide etária de 2011 pela qual se observa a forte retracção da fecundidade a partir das gerações nascidas a partir da década de 1960.

### Grupos funcionais

Através dos grandes grupos etários é possível medir estatisticamente o peso dos jovens (0-19), potencialmente activos (20-59) e idosos (60+) da ilha de São Jorge, comparando-os com a evolução recente no arquipélago<sup>11</sup>. Reforçando o que acima foi dito denota-se uma profunda alteração das estruturas etárias nos extremos da observação. Se em 1807 os jovens jorgenses representavam 42% da população e os velhos apenas 8.8%, em 2011 quase se equivaliam: 25.6% de jovens para 22.9% de idosos.

No que respeita à evolução dos jovens detectam-se essencialmente 4 fases. A primeira, de 1807 a 1864, é marcada por uma estabilidade dos jovens, cujo peso oscila de 42 a 48%. A partir dessa data até 1930 a representatividade do grupo apresenta níveis inferiores aos do período anterior, apesar da tendência estável a partir de 1878. É de assinalar a forte redução de 1864 para 1878 em quase 9 pontos percentuais o que atesta claramente o forte impacto da emigração na sociedade. Esta evolução só seria invertida de 1930 a 1950 devido quer ao forte aumento da natalidade<sup>12</sup>, quer à da corrente emigratória<sup>13</sup>, correspondendo estes dois decénios à terceira fase de evolução deste indicador. Uma derradeira fase na evolução do grupo 0-19 estende-se de 1950 à actualidade. Nestes 60 anos operou-se uma contínua redução da população jovem que se reduziu de 42% em 1950

---

10 Cf. Avelino Freitas de MENESES, *A Ilha de São Jorge* [...], pp. 146-152.

11 Actualmente é mais comum a utilização dos grupos 0-14, 15-65 e 65+. Todavia as amplitudes etárias aqui seguidas parecem ajustar-se melhor a uma análise na longa duração. Foi, aliás, este o critério adoptado por Gilberta Rocha para a caracterização dos grupos funcionais do arquipélago entre 1864 e 1981. Cf. *Dinâmica populacional* [...]

12 Cf. Gráfico 3.

13 Cf. Gilberta Rocha, *Dinâmicas* [...], p. 234.

para apenas 26% em 2011. Apesar do decréscimo contínuo ao longo deste período ressalta a descida de 1970 a 2011, devido ao recrudescimento da emigração e à rápida redução da natalidade na ilha<sup>14</sup>.

**Quadro 2 – Evolução dos grupos funcionais na ilha de S. Jorge, 1807-2011**

Anos	Jovens (0-19)	Activos (20-59)	Idosos (60+)
1807	42.0	49.2	8.8
1821	44.9	45.9	9.3
1864	44.7	42.8	11.0
1878	37.2	48.1	14.7
1890	38.9	46.0	15.1
1900	36.9	44.6	18.6
1910	37.2	41.1	21.7
1920	38.0	41.4	20.6
1930	38.1	44.8	17.2
1940	43.0	43.7	13.3
1950	42.2	46.7	11.1
1960	40.4	48.4	11.2
1970	38.1	45.2	16.7
1981	34.8	45.5	19.7
1991	35.3	46.0	18.7
2001	31.5	47.6	20.9
2011	25.6	51.5	22.9

Açores			
1981	37.4	42.8	19.8
1991	35.4	47.6	17.0
2001	30.1	53.8	16.1
2011	25.6	56.9	17.5

14 Nas décadas de 1960 e 1970 a taxa bruta de emigração situou-se acima dos 20%, enquanto em 1940 e 1960 não havia ultrapassado os 6.1%. Cf. Gilberta Rocha, *Dinâmicas [...]*, p. 234. Só entre 1960 e 1970 a taxa bruta de natalidade reduziu-se de 25.5% para 20%. Cf. Gráfico 3.



A evolução da representatividade dos idosos assume-se, em certa, medida como um espelho invertido da dos jovens. No entanto destaca-se a sua contínua subida em todo o século XIX, registando 8.8% em 1807 e 21.7% em 1910. Este aumento, muito significativo para a cronologia em apreço, esboça-se essencialmente durante o último quartel de Oitocentos como resultado da redução da fecundidade e da forte corrente de emigração que afectou muito intensamente a população activa.

De 1920 a 1960 ocorre uma evolução inversa, ou seja, a redução do peso dos idosos. Esta evolução, coincidente com o aumento dos jovens até cerca de 1940, traduz o processo de rejuvenescimento da população jorgense durante estas décadas. Por um lado diminui-se a intensidade migratória que retira população activa à ilha; por outro ocorre um substancial aumento da fecundidade a partir da década de 1920, potenciando o menor peso dos velhos.

Da década de 1960 à actualidade o peso dos idosos tem aumentado consideravelmente, destacando-se a grande aceleração a partir da década de 1970. Da combinação entre a drástica redução da fecundidade e o aumento da esperança de vida à nascença resulta um claro envelhecimento demográfico em São Jorge, ainda mais expressivo face ao panorama insular recente (1981-2011).

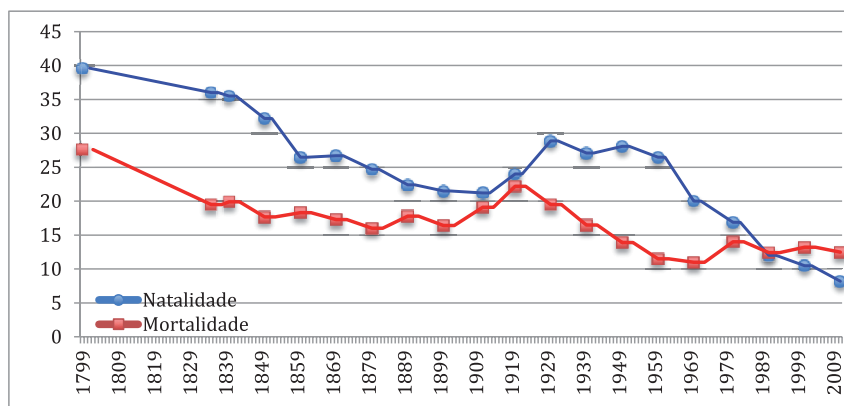
## **I – Natalidade e mortalidade**

Numa perspectiva de longa duração detectam-se alterações consideráveis nos níveis de natalidade e mortalidade, ao que equivalem diferentes ritmos na evolução do crescimento natural da população. Apesar da incerteza na evolução da natalidade de 1799 a 1835, certo é que a variável regista uma redução muito significativa de 1835 a 1860 e mais suave desde esta data ao final do século. Não são conhecidas as causas essenciais que conduziram à acelerada da natalidade embora esta redução também se verifique no antigo distrito de Angra entre 1835 e 1865. No entanto a contínua descida do indicador poderá, também, estar associada ao controlo da fecundidade conforme é evidenciado por alguns coevos<sup>15</sup>.

---

15 É o caso de J. Duarte de Sousa anotando que “casal com mais de dois ou três filhos só se poderia encontrar entre cretinos e estúpidos!”. Cf. *Ilha de São Jorge. Apontamentos históricos e descrição topográfica*, Velas, Câmara Municipal de Velas, 2003 p. 79.

**Gráfico 3 – Evolução das taxas brutas de natalidade e mortalidade na ilha de São Jorge, 1799-2012.**



Após um período de clara retracção os níveis de natalidade sobem significativamente de 1900 para 1920, mantendo-se relativamente estáveis até à década de 1950. As razões para este acréscimo poderão em parte buscar-se no maior ajustamento entre os sexos em finais do século XIX, potenciando a natalidade através de um mercado matrimonial mais dinâmico. Há que ponderar, também, os próprios efeitos da emigração em finais do século XIX e inícios do XX. Ao contrário das saídas em direcção ao Brasil, o retorno dos emigrantes açorianos dos Estados Unidos da América era bem superior. Muitos destes jovens tendiam a juntar algum pecúlio para a posterior compra de propriedade e casamento, elevando os níveis de natalidade da ilha<sup>16</sup>.

Na década de 1960 ocorre uma redução progressiva e intensa da taxa bruta de natalidade que desce de 26,5‰ para apenas 8,2‰ em 2011. Na base desta diminuição está certamente a redução da mortalidade desde a década de 1920. De acordo com a teoria da *transição demográfica* o afrouxamento da mortalidade conduziria ao aumento da dimensão dos agregados familiares. A constatação de que as condições de vida tendiam a melhorar com famílias de menor dimensão geraria posteriormente uma fecundidade menos intensa. Nos anos mais recentes, concretamente de 1980 ao presente, é de sublinhar a maior taxa de ocupação feminina e o aumento da instrução como factores importantes para a redução da fecundidade. No quadro do arquipélago São Jorge é uma das ilhas com menor intensidade de nascimentos. O *Indicador Sintético de Fecundidade* (ISF) expressa

<sup>16</sup> Cf. José Cândido AVELLAR, *Ilha de S. Jorge (Açores). Apontamentos para a sua história*, Horta, Typ. Minerva Insulana, 1902, pp. 95-97.

o número de nados-vivos gerados por cada mulher em idade fértil, aceitando-se que 2.1 é o valor que garante a renovação de gerações. De acordo com este indicador em 2011-2012 cada mulher jorgense em idade fértil tivera em média 1.20 filhos, abaixo da média do arquipélago, cifrada em 1.4<sup>17</sup>.

À semelhança da natalidade a taxa bruta de mortalidade regista um movimento de redução desde o início da série até sensivelmente 1880 quando se atinge o valor mais reduzido durante o século XIX (16‰). Em inícios do século XX os níveis de mortalidade elevam-se, especialmente na década de 1920 em virtude da deflagração da gripe pneumónica (1918). Porém, o processo de envelhecimento demográfico ocorrido em finais do século XIX poderá ter potenciado o aumento da mortalidade, visto a estrutura etária integrar um número crescente de idosos.

A década de 1920 marca um declínio constante e intenso da mortalidade. Seguindo-se a tendência, quer do arquipélago, quer do Continente a melhoria das condições médico-sanitárias, dos transportes e da progressiva integração numa economia de mercado estariam na base da suavização da mortalidade geral. Esta redução opera-se até inícios da década de 1980 quando por força do envelhecimento demográfico se eleva a variável. O indicador que melhor expressa as condições de mortalidade na ilha é a esperança de vida à nascença. Em 1900 a longevidade masculina cifrava-se nos 47.4 anos para os homens e 50.0 para as mulheres. Em 1981 os valores já se elevam para 63.7 e 67.5, respectivamente. Mais recentemente e tomando por base os anos de 2002 a 2012 a esperança de vida à nascença dos jorgenses atingia os 70.2 anos para os homens e 77.0 para as mulheres, traduzindo a significativa melhoria das condições médico-sanitárias e de acesso aos cuidados de saúde.

A evolução combinada da natalidade e mortalidade nas décadas recentes revela o cenário de envelhecimento demográfico da ilha. Assim desde 1992 existe um excedente de óbitos sobre os nados-vivos, o qual entre 2000 e 2012 se cifrou em 593 indivíduos. Esta realidade contrasta com a do arquipélago onde, apesar da redução da fecundidade, persiste um crescimento natural positivo.

## Conclusões

O amplo conjunto de fontes de natureza demográfica disponível para a ilha de São Jorge viabiliza a realização de uma detalhada monografia da sua população, o que se assevera da maior importância para o próprio estudo da demografia

---

17 Dados obtidos através da Pordata (última actualização em 2014-03-10). Fontes de Dados: INE - Estatísticas de nados-vivos; INE - Estimativas Anuais da População Residente.

insular na longa duração. Com efeito São Jorge é bem representativa das ilhas periféricas onde a evolução dos ritmos de crescimento, suas estruturas e variáveis demográficas apresentou dissemelhanças face às de maior peso demográfico: São Miguel e Terceira.

Numa perspectiva pluri secular a ocupação dos efectivos registou ritmos muito diferentes mas globalmente enquadrados na evolução do arquipélago. Num primeiro período, de 1799 a 1878, registara-se um forte crescimento, quando a ilha atinge o seu máximo demográfico. Seguiu-se uma forte sangria de gentes desde esta data até 1920 por força da corrente migratória – traço estrutural da demografia jorgense – e da redução dos níveis de fecundidade. Uma fase de extrema vitalidade demográfica estendeu-se de 1920 a 1950 devido à redução do fluxos migratórios em direcção ao exterior e à redução da fecundidade. Ao mesmo tempo a estrutura etária da sociedade rejuvenescia graças ao aumento do peso dos jovens e à diminuição dos idosos. Finalmente a partir 1960 a ilha entrou em decréscimo populacional contínuo, acentuando-se na década de 1981.

A redução dos níveis de fecundidade e o rápido aumento da esperança de vida à nascença estiveram na base de um envelhecimento muito acentuado. São Jorge é hoje uma ilha em claro *Inverno demográfico*, não só perdendo efectivos desde 1992 como tendencialmente invertendo a sua pirâmide etária. Esta realidade, persistente e com tendência a agravar-se, demanda uma atenção cada vez maior das autarquias, do governo regional e da sociedade civil com vista ao delineamento de políticas adequadas não só à promoção da natalidade, como à maior humanização dos cuidados a prestar aos idosos.

## FONTES

- 1799 a 1900 – Artur Madeira, *População e Emigração* [...]; Paulo MATOS, *O Nascimento fora do matrimónio* [...], Paulo MATOS e Paulo SOUSA, *já cit.*; excepto 1821 – Mappa da população e fogos das ilhas dos Açores por freguesias, ilhas e comarcas [...] por António Homem da Costa Noronha e Luís de Barcellos Merens em 7 de Março de 1824, Biblioteca Nacional de Lisboa (Biblioteca Digital).
- 1900 a 1981 - Gilberta ROCHA, *Dinâmica populacional* [...] e Recenseamentos gerais da população.
- 1991-2011 – Recenseamentos gerais da população e Estatísticas demográficas, INE.

## ESTUDOS

- AMORIM, Norberta; MESQUITA, Hermínia, “Uma perspectiva da população açoriana no século XVIII”, *O Faial e a Periferia Açoriana nos séculos XV a XIX. Actas do Colóquio realizado nas ilhas do Faial e São Jorge de 12 a 15 de Maio de 1997*, Horta, Núcleo Cultural da Horta, 1998, pp. 353-375.
- AVELLAR, José Cândido, *Ilha de S. Jorge (Açores). Apontamentos para a sua história*, Horta, Typ. Minerva Insulana, 1902
- JOÃO, Maria Isabel, *Os Açores no século XIX. Economia, sociedade e movimentos autonomistas*, Lisboa, Ed. Cosmos, 1991.
- MADEIRA, Artur Boavida, *População e Emigração nos Açores (1766-1820)*, Cascais, Patrimonia, 1999.
- MATOS, PAULO, *O Nascimento fora do matrimónio na freguesia da Ribeira Seca da ilha de São Jorge (Açores), 1800-1910*, Guimarães, NEPS, 2007.
- MATOS, Paulo, SILVA, Susana Serpa, “Oscilações populacionais, grupos e comportamentos sociais”, in *História dos Açores. Do Descobrimento ao século XIX*, II, dir. de Artur Teodoro de Matos, Avelino de Freitas de Meneses e José Guilherme Reis Leite, Angra do Heroísmo, Instituto Açoriano de Cultura, 2008, pp. 83-120.

- MATOS, Paulo; SOUSA, Paulo Silveira, “População e movimentos migratórios. A atracção pelo Brasil”, in *História dos Açores. Do Descobrimento ao século XIX*, I, dir. de Artur Teodoro de Matos, Avelino de Freitas de Meneses e José Guilherme Reis Leite, Angra do Heroísmo, Instituto Açoriano de Cultura, 2008, pp. 535-578.
- MENESES, Avelino Freitas de, *A Ilha de São Jorge. Síntese histórica*, Ponta Delgada, Letras Lavadas, 2013.
- MENESES, Avelino Freitas de, *Os Açores nas Encruzilhadas de Setecentos (1740-1770)*, Ponta Delgada, Universidade dos Açores, 2 vols., 1993-1995.
- ROCHA, Gilberta, *Dinâmica populacional dos Açores no século XX. Unidade, permanência, diversidade*, Ponta Delgada, Universidade dos Açores, 1991.
- ROCHA, Gilberta, “Estruturas demográficas das ilhas portuguesas através dos censos”, in *Arquipélago. Revista da Universidade dos Açores*, série Ciências Sociais, nº 6, 1996, Ponta Delgada, Universidade dos Açores, pp. 77-136.
- ROCHA, Gilberta, “O crescimento da população e os novos destinos da emigração” in *História dos Açores. Do Descobrimento ao século XIX*, II, dir. de Artur Teodoro de Matos, Avelino de Freitas de Meneses e José Guilherme Reis Leite, Angra do Heroísmo, Instituto Açoriano de Cultura, 2008.
- ROCHA, Gilberta, “Os arquipélagos dos Açores e da Madeira: uma perspectiva demográfica da actualidade”, in *Diafanias do Mundo. Homenagem a Mário F. Lages*, Lisboa, Universidade Católica Editora, 2012, pp. 237-254.
- SOUSA, J. Duarte de, *Ilha de São Jorge. Apontamentos históricos e descrição topográfica*, Velas, Câmara Municipal de Velas, 2003, p. 79.
- SOUSA, Paulo Silveira e, *Território, Poder, Propriedade, Elites Locais. A Ilha de São Jorge na segunda metade do século XIX*, Lisboa, ISCTE, 1994 (dissertação de licenciatura policopiada).

**APÊNDICE**

Evolução dos efectivos da ilha de São Jorge e dos Açores, 1768-2011

<b>Ano</b>	<b>São Jorge</b>	<b>Açores</b>	<b>% Jorge</b>
1768	12120	152138	8.0
1770	12849	-	-
1776	14036	163677	8.6
1791	12983	149266	8.7
1796	14407	156101	9.2
1800	12666	155247	8.2
1807	13400	160414	8.4
1813	14346	169652	8.5
1819	15600	178248	8.8
1849	17808	233409	7.6
1864	18185	248028	7.3
1878	18484	259800	7.1
1890	17311	255594	6.8
1900	16074	256673	6.3
1911	14227	242911	5.9
1920	13362	231513	5.8
1930	13980	255464	5.5
1940	15798	287080	5.5
1950	16507	318449	5.2
1960	15895	327446	4.9
1970	12970	285005	4.6
1981	10361	243410	4.3
1991	10219	237795	4.3
2001	9674	241763	4.0
2011	9171	246772	3.7